

# RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS: O DESAFIO DO LETRAMENTO LITERÁRIO EXTRAESCOLAR

CIRCLES OF NORTHEASTERN READINGS: THE CHALLENGE OF EXTRA SCHOOL LITERARY LITERACY

CIRCULOS DE LECTURA DE NORESTE; EL DESAFÍO DE APRENDIZAJE LITERARIO EXTRAESCOLAR

LARISSA DE PINHO CAVALCANTI<sup>1</sup>, LIDIANNE FERRAZ ALVES<sup>2</sup>, MARIA ELAINE PEREIRA MOURATO<sup>3</sup>, MIRIAN SHIRLEY GOMES DA SILVA<sup>4</sup>

## RESUMO

O artigo discute a partir da organização de Rodas de Leituras Nordestinas o papel das atividades de extensão em parcerias com instituições culturais. Para isso, discorreremos sobre a função social do museu (MARZIALE, 2021; SANTOS, 2012) e da extensão universitária (UFRPE), apresentamos a proposta das Rodas de Leituras como práticas de letramento literário (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) e discutimos os saberes articulados a partir de sua realização. As Rodas de Leitura abriram caminhos para vivenciar a literatura nordestina em seus diferentes gêneros e temporalidades alcançando um público de idades e contextos variados. Ademais, a experiência nos mostrou o apagamento das raízes locais de grandes autores da literatura brasileira e a necessidade de aproximá-los do público leitor amplo.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Letramento Literário; Literatura Nordestina.

## ABSTRACT

The article discusses the organization of the Circles of Northeastern Readings, a community outreach project developed in partnership with cultural institutions. First, we discuss the social function of museums (MARZIALE, 2021; SANTOS 2012) and the community outreach programs; next, we introduce the Circles of Readings as practices of literary literacy (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) and discuss the knowledge promoted by the Circles of Northeastern Readings. The Circles made it possible to experience the Northeastern literature through several genres and times, reaching an audience of various ages and contexts. Furthermore the experience showed us the effacement of the localization of renowned authors in Brazilian literature who need to be taken to the broader readership.

**Keywords:** Community Outreach Programs; Literary Literacy; Northeastern Literature.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras - Linguística. Docente Adjunta da UFRPE-UAST.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST.

<sup>3</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST.

<sup>4</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês, pela UFRPE-UAST.

## RESUMEN

Basado en la organización de Círculos de Lecturas del Noreste, el artículo discute el papel de las actividades de extensión en alianzas con instituciones culturales. Para ello, discutiremos la función social del museo (MARZIALE, 2021; SANTOS, 2012) y de la extensión universitaria (UFRPE), presentamos la propuesta de Círculos de Lecturas como prácticas de aprendizaje literario (FREIRE, 2015; COSSON, 2006, 2014, 2020) y discutimos los saberes articulados a partir de su realización. Los Círculos de Lectura abrieron caminos para vivir la literatura del Noreste en sus diferentes géneros y temporalidades, llegando a un público de diferentes edades y contextos. Además, la experiencia nos mostró el borrado de las raíces locales de los grandes autores de la literatura brasileña y la necesidad de acercarlos al amplio público lector.

**Palabras clave:** Extensión Universitaria; aprendizaje literario; Literatura del Nordeste.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta e discute a organização e realização das Rodas de Leituras Nordestinas, ação integrante do Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço, desenvolvido por meio da parceria entre o Museu do Cangaço de Serra Talhada e a UFRPE-UAST entre maio a julho de 2021. O projeto congregou docentes de diferentes áreas (informática, história, biologia, sociologia, letras e química) para contribuir para a diversificação e fortalecimento das atividades culturais do Museu do Cangaço e da cidade de Serra Talhada.

O subprojeto Rodas de Leituras Nordestinas foi organizado pelas autoras e foi dividido em duas partes. A primeira objetivou a formação específica das discentes monitoras nos estudos de letramento literário e a curadoria do material literário para cada encontro. A segunda parte, a execução propriamente dita das Rodas de Leituras, ocorreu em encontros semanais para leitura das obras de autores/as nordestinos/as sem recorte temático ou temporal específico. As Rodas de Leituras foram desenvolvidas em nove encontros, correspondendo aos nove estados da região e seguindo a rota do cangaço, sempre no mesmo dia da semana e mesmo horário de forma inteiramente on-line.

Na proposta deste artigo, escrito a oito mãos, em primeiro lugar, trazemos as bases teóricas para execução das Rodas de Leitura, a saber a função social dos museus e da extensão universitária na articulação com outras instituições culturais; questões de letramento literário necessárias à concepção e estruturação das atividades das Rodas de Leituras como leituras guiadas e compartilhadas. Por fim, discutimos a realização das Rodas de Leituras salientando o que esta ação possibilitou construir junto a uma comunidade de leitores de prosa e poesia oriunda da Região Nordeste. Ao final, apresentamos nossas considerações finais.

## FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU DO CANGAÇO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Os museus, tradicionalmente associados à memória e à história da humanidade, foram assim concebidos ainda nos séculos XVIII e XIX, quando nações europeias colonizadoras dedicavam-se a colecionar e classificar artefatos furtados de territórios colonizados e seus povos – modelo que acabou por ser adotado pelos países colonizados. Todavia, já no século XX, em meio aos embates sociais e à emergência de um pensamento decolonial, surgem indagações quanto ao papel social e pedagógico dos museus e sua relação com a sociedade.

A partir desses questionamentos e da reorientação dos propósitos dessas instituições para as comunidades em que se inserem, surge a concepção de museus como equipamentos culturais versáteis para o desenvolvimento social, conversando com as diversas linguagens artísticas, culturais e científicas de todas as épocas. Esses espaços constituem, portanto, locais de transformação e propagação da ciência e da tecnologia ou, como a Unesco (2015) delinea, para a difusão da cultura e da educação para a justiça, a liberdade e a paz, propiciando o livre intercâmbio de ideias e conhecimentos. De acordo com Marziale (2021), diante de contextos de censura e conservadorismo, os museus são essenciais como espaços democráticos e polifônicos, essenciais para preservar os princípios democráticos:

Se, antes da eclosão da pandemia, já se evidenciava a necessidade de reafirmação do papel social dos museus, de modo que diversos tipos de museus pudessem, aprendendo com os museus comunitários, atentar para as necessidades de seu entorno, atuando como espaços de resistência em prol da própria manutenção democrática em países ameaçados pela intolerância, durante e após a pandemia, tal reafirmação se faz ainda mais urgente. (MARZIALE, 2021, p. 48)

No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), existem cerca de três mil museus, porém, ainda pouco compreendidos pela grande parte da população e pouco frequentados em comparação com os países europeus. O Museu do Cangaço, localizado no município de Serra Talhada, à 420km de Recife, capital do estado de Pernambuco, é o maior do gênero do Brasil, guardião da memória do homem sertanejo com grande acervo de imagens, documentos, armas, objetos e utensílios dos cangaceiros, além de biblioteca e sala multimídia.

Mantido pela Fundação Cultural Cabras de Lampião (FCCL), o Museu do Cangaço foi criado em abril de 2000. A história dessa instituição e seu acervo singular fazem do Museu um espaço privilegiado para o ensino e aprendizagem interdisciplinar através de variadas coleções que oportunizam contar os fatos históricos, científicos e culturais a partir de vários pontos de vista. Dessa maneira, o Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço foi concebido para expandir as atividades já realizadas pelo Museu do Cangaço, promovendo-o como uma instituição necessária de preservação da memória do cangaço com a ajuda e trabalho vindos de parcerias com instituições sociais e educativas como a Universidade Federal de Pernambuco em sua Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

A parceria com a UFRPE-UAST, por sua vez, tem raízes na natureza extensionista das ações educacionais universitárias, congregando docentes de diferentes áreas para a realização de diferentes atividades com a comunidade – em sentido amplo devido à natureza virtual das atividades propostas em meio a pandemia. Em tempos que se questiona o trabalho e o valor da ciência é sempre importante salientar que, no Brasil, a prática da Extensão Universitária coincide com a criação do Ensino Superior, reforçando o compromisso social e a atuação interprofissional com a Sociedade Civil Brasileira a partir de múltiplas ações educativas em contextos populares.

De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), a produção do conhecimento, pelo viés da extensão, implica a troca de saberes acadêmicos e populares para a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade. Dessa maneira, as ações desenvolvidas pela Extensão devem integrar de maneira dialógica os saberes acadêmicos:

Por articular esses saberes, sem hierarquizá-los, a Extensão proporciona uma melhor formação humanística, técnica e profissionalizante, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da consciência cidadã, social e política dos sujeitos envolvidos nas ações educativas. Dessa maneira, a comunidade discente torna-se protagonista de sua formação técnica, ao desenvolver as competências necessárias à atuação profissional, assim como de sua formação cidadã, permitindo que se reconheça como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (UFRPE, s/d, p. 2)

Nesse contexto, é de particular importância para a UFRPE-UAST desenvolver atividades a partir desse espaço como incentivo para formação interdisciplinar continuada de docentes, para o estabelecimento do museu como recurso pedagógico ou, ainda, disseminar a cultura e ciência em espaços outros. Fica evidente, portanto, como o Projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço faz convergir interesses educacionais da UFRPE-UAST e culturais do Museu do Cangaço.

Ao realizarmos o levantamento das histórias das atividades desenvolvidas pelo Museu do Cangaço, identificamos sua relação com a literatura no formato da Festa Literária de Serra Talhada (FLIST) – o que abriu espaço para uma ação educacional de incentivo à leitura e ao conhecimento da literatura nordestina. Além disso, a demanda ainda atual de atividades de formação de leitores e de leitores de textos literários no cenário local e nacional (Instituto Pró-Livro, 2020), bem como do quadro de inúmeras e intrínsecas dificuldades para formação de leitores (PORTO; SILVA; RETTENMAIER, 2015), foram motivadores para a proposição do subprojeto Rodas de Leituras Nordestinas. Assim, além de dar visibilidade à própria literatura nordestina em sua diversidade de autorias, gêneros e temporalidades, as Rodas constituiriam um espaço de construção de interpretações e leituras da palavra e de mundo, como já concebeu Paulo Freire.

## **LETRAMENTO LITERÁRIO E A AS RODAS DE LEITURA PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Como dito anteriormente, a proposta das Rodas de Leitura Nordestinas no âmbito de um projeto interdisciplinar de extensão foi norteada pela parceria com lideranças e instituições das comunidades, tal como o Museu do Cangaço, e pela identificação de oportunidades, demandas, necessidades locais, visando a integração e a autonomia das comunidades. Neste último aspecto, retomamos os dados da 5ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, lançada em 2020, que apontam uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores, entre 2015 e 2019, principalmente entre jovens e adultos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Esse quadro nos faz mencionar a aprovação, em 2018, da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) por meio da Lei n. 13.696. Conhecida como Lei Castilho, essa lei é mais um esforço para reconhecer a leitura e a escrita “como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania” (BRASIL, 2018). São metas da PNLE, a democratização do acesso ao livro pelas bibliotecas públicas, o fomento da formação de mediadores de leitura, e o desenvolvimento da economia do livro – evidentemente em conflito com projetos de taxaço de livros mais recentes na história nacional.

Compreendemos, portanto, como é fundamental o diálogo entre universidade e outras instituições sociais para diversificar as possibilidades de acesso e de vivência da leitura, tornando-a uma atividade voluntária além de uma atividade escolar. Afinal, ler não é somente decodificar palavras em letras ou orientar a identificação de informações na superfície do texto, mas uma atividade que envolve processos cognitivos, variáveis sociais e questões afetivas relativas à própria atividade leitora e aos que se lê.

De acordo com Porto, Silva e Rettenmaier (2015), os gargalos na formação leitora no Brasil formam cinco grandes eixos: formação de professores e sua qualificação para mediação de leitura; práticas de mediação de leitura; acervo bibliográfico; recursos tecnológicos/leitura on-line; e novos letramentos decorrentes de novas materialidades de escrita e de leitura. Nos concentramos aqui, principalmente, na questão da mediação da leitura e da elaboração de suas práticas. Esses autores pontuam que, somada à seleção cuidadosa e adequada de textos, é importante que a leitura seja mediada por um educador, não para a fruição da leitura, mas para a compreensão e a interpretação de um texto – comparado ou não com outro.

Os estudos sobre leitura e leitura literária realizados por Cosson (2006, 2014, 2020) pontuam que, na escola, predominam aulas de literatura voltadas para a história da literatura e para a biografia de escritores/as e poetas, em detrimento da leitura do próprio texto literário. Para o autor, todavia, ler literatura exige uma condução diferenciada, pois ler literariamente não é uma consequência natural da aprendizagem da escrita. Por isso, “o letramento literário tem por objetivo desenvolver a competência literária, usando, como meio, experiências literárias diversas e diversificadas, e buscando, como resultado, a ampliação e aprimoramento do repertório literário do aluno” (COSSON, 2014). Ainda nessa obra, o autor explora as diferentes possibilidades de práticas de leitura, desde a leitura silenciosa, passando pela leitura em voz alta, pela memorização de textos (para fins de debate ou dramatização, por exemplo) até chegar à leitura compartilhada.

É particularmente à leitura compartilhada que Cosson (2006, 2014, 2020) se dedica, buscando aproximar docentes e educadores das diversas formas de planejar e mediar a leitura compartilhada dos textos literários. Para o autor, essa experiência permite debater emoções, impressões, pressuposições e questionamentos que surgem a partir do contato efetivo com o texto literário. Para efetiva participação do leitor nessas trocas, Cosson (2006) primeiro desenvolve duas possibilidades de trabalho com leitura literária para escolas, denominadas sequência básica e expandida. As sequências possuem quatro etapas gerais: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Vale salientar que a proposta de letramento literário de Cosson (2014, 2020) está fundamentada na narratologia e na estética da recepção, por isso, sua metodologia se concentra em três etapas (pré-textual, textual e pós-textual) e está estruturada a partir do diálogo entre autor, leitor, texto e contexto – com ênfase nos três últimos. A partir dessa sistematização, Cosson (2014) menciona três das práticas de leitura que propõe (para contextos escolares): a leitura protocolada, a leitura comentada e a leitura reflexiva.

A leitura protocolada consiste em planejar pontos de pausas específicas na leitura do texto para que o público leitor (no caso das escolas, estudantes) possa interagir gradualmente com o que foi lido – uma estratégia que funciona melhor para textos em prosa com alguma extensão como contos ou romances. A leitura comentada, então, implica em produções textuais posteriores à leitura e à análise do texto literário (como resenhas ou discussões a partir de pontos específicos do texto), podendo ser usada tanto para textos em prosa quanto poesia. A leitura reflexiva, por sua vez, parte de uma série de questionamentos sobre o texto a partir do texto e do contexto.

As propostas de Cosson (2006, 2014) são todas organizadas para a escola, que ainda centraliza as práticas de leitura e escrita de crianças e adolescentes. Todavia, é possível adaptar os princípios da leitura compartilhada para outros contextos, principalmente aqueles em que os textos sejam desconhecidos do público leitor ou, ainda, com diferentes níveis de desenvolvimento de letramento entre participantes. Para isso, o trabalho em rodas de leitura para extensão universitária retoma diretamente a ideia de círculos de cultura de Paulo Freire (2015), no sentido de adotar o diálogo e a criticidade como motrizes de suas etapas.

O círculo de cultura freireano é um espaço diferenciado de aprendizado com princípios no diálogo, na participação para troca mútua de conhecimentos, no respeito ao outro e no trabalho coletivo. Fundamentado na pedagogia libertadora e problematizadora, os círculos de cultura de Paulo Freire se organizam de maneira que não há um condutor ou transmissor de saberes, mas um mediador que estimula discussões e reflexões sobre alguma realidade ou algum objeto. Assim, por meio do diálogo e das discussões, não cabe a este organizador ou mediador a tarefa de dar respostas, mas “a de coordenar, jamais influir ou impor” (FREIRE, 2015, p. 8). Os Círculos, portanto, levam à autonomia intelectual por meio da troca de experiências e conhecimentos:

Falamos de discussão, e este é um ponto capital para o aprendizado, pois segundo esta pedagogia a palavra jamais pode ser vista como um “dado” (ou como uma doação do educador ao educando), mas é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura. (WEFFORT apud FREIRE, 2015, p. 8)

A proposta das Rodas de Leituras Nordestinas bem como a formação das discentes monitoras foram construídas em função da possibilidade de provocação e de liberdade para construção coletiva dos saberes pelas diversas pessoas participantes, independente de seus contextos e formação escolar/acadêmica. Assim, apesar do convite a docentes e a poetas para as Rodas, seus papéis foram orientados para a mediação e a condução, em detrimento de um posicionamento de docente ou de palestrante. Com isso, evitamos guiar os leitores-participantes para uma única interpretação do texto ou dar respostas definitivas às inquietações literárias, e favorecemos a autonomia de seus participantes para a leitura e para a interpretação do texto literário. Assim como Freire (2015, p. 116) já pontuava para os círculos, as Rodas de Leituras Nordestinas: “Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo”.

A base freireana foi planejada também para abranger a construção coletiva de saberes sobre os textos e, por consequência, propiciar o letramento literário dos participantes individualmente: as compreensões coletivas e as habilidades individuais vão sendo desenvolvidas em uma relação dialética. Dessa maneira, apesar de os turnos de fala bem delimitados das reuniões on-line que não se sobrepõem como na dinâmica presencial, seria possível fazer com que as falas de diferentes participantes se apoiassem e expandissem umas às outras, dando origem a outras discussões a partir dos aspectos temáticos e formais dos textos selecionados.

Havendo debatido a concepção de letramento literário e a organização de seu trabalho para fins extensionistas, devemos abordar, em seguida, a curadoria dos textos a serem lidos a partir de uma compreensão ampla de literatura nordestina e a realização das Rodas de Leituras.

## **RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS**

Os objetivos delineados para as Rodas de Leitura eram popularizar e discutir obras de prosa e poesia, canônicas e não canônicas, de autores e autoras da região Nordeste. Inicialmente, as Rodas foram concebidas como encontros quinzenais, organizadas por um roteiro semiestruturado para incluir obras de cada estado nordestino e ainda permitir contribuições dos participantes durante seu desenvolvimento. Tal desenho foi reestruturado quando nos unimos às três discentes monitoras para o projeto e ouvimos suas perspectivas acerca da proposta. Dessa maneira, ficou definido que iríamos fazer encontros semanais entre os meses de maio e julho de 2021. Em outras épocas, as Rodas seriam presenciais, mas, por questões de preservação da saúde coletiva, todas as etapas do projeto foram desenvolvidas nas plataformas do Google: inscrição via formulário, disponibilização de materiais em uma Sala de Aula do Google e envio por e-mail e via redes sociais do link para as reuniões semanais.

Após estudarmos as possibilidades de leituras literárias, definimos que organizaríamos os textos para compartilhamento e, dentre esses, apenas alguns seriam lidos nas Rodas. Para cada Roda, compilamos os textos em um arquivo pdf com capa e folha de rosto da identidade visual das Rodas de Leituras Nordestinas para compartilharmos com quem participasse. Todas as cartilhas eram disponibilizadas na Sala de Aula do Google, que se tornou um grande repositório do material multimídia das Rodas. Organizada em nove tópicos, correspondentes aos estados do Nordeste, ordenados conforme a rota do cangaço (Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio Grande do Norte, notadamente marcando a presença do cangaço, seguidos de Maranhão e Piauí por último devido ao menor envolvimento). Para controle de presença e emissão de certificados, organizamos um formulário Google com dados básicos e com a pergunta “O que você achou da Roda de Leitura?” ao final. Assim, teríamos também a avaliação de participantes e convidados/as de cada Roda acerca do desenvolvimento das discussões e dos textos lidos – uma ação importante para a avaliação do projeto pela própria comunidade.

No que diz respeito a quem participa dos projetos de extensão, é sempre importante que a comunidade seja a principal beneficiada. No caso do projeto Um Olhar Interdisciplinar para o Cangaço, o público esperado seria oriundo do próprio Museu do Cangaço e da Fundação Cultural Cabras de Lampião, da UFRPE-UAST e do Sertão do Pajeú de modo amplo. Por isso, tomamos o cuidado de escolher um horário de transição entre as atividades cotidianas (final da tarde) durante a semana, quando a maior parte das pessoas encontra-se no núcleo urbano das cidades do Sertão e com melhor acesso à internet. Por outro lado, era preciso ter cuidado com o horário das atividades da graduação em Letras na UFRPE-UAST, das quais participavam as organizadoras das Rodas.

Havendo apresentado o desenho estrutural das Rodas, na sequência apresentamos uma curta discussão acerca da literatura Nordestina e dos recortes e seleções operados para compor o material de leitura das Rodas.

### **Literatura no nordeste: por quais veredas?**

O primeiro passo para selecionar que textos seriam lidos, foi entender que participantes de Rodas de Leituras semanais teriam pouco tempo disponível para ler um grande volume de textos ou textos extensos, por isso, optamos por privilegiar gêneros curtos em prosa (contos, crônicas e similares) e diferentes manifestações poéticas. Além dos textos compilados em arquivo pdf, organizamos também links para vídeos de poetas ou leituras dos escritores, entrevistas ou obras complementares disponíveis on-line a serem disponibilizados com o material de leitura para cada Roda.

No que diz respeito às leituras literárias propriamente ditas, fizemos uma primeira busca sobre autorias importantes para a literatura do Nordeste em livros de antologias e sites como Bienal de Pernambuco ou Check-in Virtual. Essa pesquisa nos permitiu conhecer nomes históricos e canônicos da literatura Nordestina



a exemplo de: João Cabral de Melo Neto (PE), Ariano Suassuna e Augusto dos Anjos (PB), Nísia Floresta (RN), José de Alencar e Rachel de Queiroz (CE), Graciliano Ramos e Lêdo Ivo (AL), Raimundo Sousa Dantas e Tobias Barreto (SE), Ferreira Gullar e Aluísio Azevedo (MA), Da Costa e Silva e Francisca Miriam (PI) e Castro Alves e Jorge Amado (BA).

Por havermos estabelecido como objetivo principal das Rodas aproximar o público das outras literaturas do Nordeste e diante do predomínio de nomes históricos masculinos e brancos dentre os mais célebres do Nordeste, foi acordado com as monitoras que iramos além da literatura canônica e das obras de grandes escritores/as e poetas da literatura brasileira – exceto quando necessário salientar suas raízes nordestinas. Assim, buscamos olhar também para as obras de autoria de mulheres e de pessoas negras, frequentemente obscurecidas mediante uma política editorial e uma história da literatura elitista e racista e da própria literatura popular nordestina.

No que diz respeito às tradições literárias nascidas no Nordeste, observamos que elas são frequentemente apagadas ou preteridas no quadro da literatura brasileira, sendo-lhe conferida uma roupagem folclórica (SILVA, 2009), apesar de suas atuais contribuições à literatura na região, decidimos olhar, sempre que possível para a literatura popular. Compreendendo literatura popular como “aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico” (SILVA, 1988, p. 116-117), levamos para as Rodas autores que em suas propostas estéticas e formais produzissem cordéis, repentes, glosas, toadas – o que se fez notar em quase todos os estados.

Essas escolhas tornaram ainda mais árdua a tarefa de curadoria das leituras para cada encontro da Roda: não se tratava somente de buscar e conhecer a literatura de cada estado, mas acessar obras e fontes obscuras até para pessoas desses locais. Vale salientar, por exemplo, a ausência das autorias femininas das antologias da literatura de cordel:

(...) Durante muito tempo, os sentimentos, as visões do mundo, as aspirações femininas foram recalçados na escrita, e, salvo algumas exceções, foi talvez na oralidade e no âmbito doméstico que a voz feminina pôde dar sua contribuição artística e poética. A ausência feminina na autoria dos folhetos impressos deve-se em parte às funções que deveriam ser exercidas pela mulher numa sociedade patriarcal de passado colonial, em que se evidencia o silêncio e a reclusão tanto no cenário público da vida cultural quanto no registro das histórias da nossa literatura (QUEIROZ, 2006, p. 13).

Esse mesmo apagamento é notável em fontes amplas de acesso, como o site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel que apresenta vinte e sete cordelistas homens como os grandes cordelistas dos séculos XIX, XX e XXI. Neste mesmo site, as quarenta cadeiras acadêmicas também não trazem nomes de poetisas, elegendo apenas cinco mulheres para fazer parte do grupo seleta (SANTOS, 2009, p. 8).

Por outro lado, quando pensamos nas demais literaturas, observamos que a presença da mulher é ainda pouco divulgada ou anunciada. Florêncio e Santos (2020) afirmam que nas fases mais importantes da história da Literatura Brasileira (Romantismo de 1854 a 1881 e Realismo de 1881 a 1892), nenhuma mulher alcançou destaque entre os cânones da nossa literatura. Além disso, em uma pesquisa, Dalcastagnè (2012) mostra que de 1990 a 2004, eram de autoria masculina 72,7% das obras publicadas, ao passo que a porcentagem de autorias afrodescendentes não chegava a 30%.

Um aspecto importante para a organização das Rodas de Leituras Nordestinas é a pandemia de covid-19. A pandemia e diferentes decretos de lockdown no estado de Pernambuco também limitaram o acesso aos acervos públicos do Museu do Cangaço e das bibliotecas (municipal e da UFRPE-UAST). Portanto, foi preciso recorrer às fontes disponíveis on-line ou disponibilizadas por colegas docentes participantes do projeto e de carreira acadêmica. Abaixo, oferecemos um esquema de poetas e escritores/as cujas obras foram selecionadas para constarem no material das Rodas de Leitura.

A seleção das leituras se deu tanto pela disponibilidade (nos limites da legalidade) das obras ou dos textos, quanto dos resultados das buscas realizadas pela equipe de organização das Rodas. Como é possível observar, intercalam-se autores históricos e contemporâneos, de gêneros diversos e diferentes propostas estéticas. O objetivo de fazer constar, entre os textos das Rodas, os nomes consagrados da literatura brasileira era justamente reforçar suas origens nordestinas, frequentemente apagadas por meio de nomenclaturas como “poetas modernistas” ou “geração de 45”. Além disso, o percurso histórico permitiu salientar figuras como Maria Firmino Reis (primeira mulher e mulher negra romancista publicada no Brasil).

Por questões de espaço, não nos é possível entrar em detalhes sobre a relevância ou da pertinência de cada texto lido ou das possibilidades de leituras de cada autor/a ou poetas citados/as acima, mas fazemos algumas rápidas observações quanto à organização da proposta. Notadamente, para os estados de Pernambuco, da Paraíba, Ceará foi possível fazer um levantamento mais robusto de fontes da poesia popular, enquanto estados como Rio Grande do Norte e Sergipe, por exemplo, ofereceram menos resultados nas buscas. Por outro lado, no Rio Grande do Norte, foi possível abordar as literaturas dos povos originários através da poesia de Graça Graúna – uma literatura notadamente ausente nos resultados de buscas para outros estados. Particularmente, para os estados de Pernambuco e da Bahia, coletamos poucos textos e poucas autorias em virtude da orientação temática (literatura popular), no primeiro caso, e da presença da escritora e poeta Lívia Natália, no segundo. A seguir discorreremos sobre o convite para mediação das rodas e seu desenvolvimento propriamente dito.

## **Rodas De Leituras: Fazendo O Círculo**

Durante o planejamento do percurso de leituras das Rodas e organização dos materiais, foi possível pensar na mediação realizada por colegas de docência, os quais por sua experiência e dedicação ao estudo das obras literárias poderiam fazer provocações e propiciar reflexões a partir dos textos considerando a proposta do letramento literário coletivamente articulado. Outrossim, com a diminuição das distâncias comunicacionais e a realização on-line das Rodas, outra possibilidade que se concretizou foi a participação de escritores/as nordestinos/as – como citaremos para os estados da Paraíba, da Bahia e do Piauí.

No planejamento da primeira Roda, portanto, optamos por convidar o discente recém-formado do curso de Letras da UFRPE-UAST e também poeta popular, Cícero Ângelo, para conduzir o encontro. Como resultado do diálogo entre o convidado e as monitoras, a Roda de Leituras Pernambucanas foi composta por poemas de vários poetas populares de Pernambuco, homens e mulheres com ênfase na vivência do Sertão. Considerando já nesta primeira Roda o intuito de dar visibilidade às mulheres, a abertura consistiu na reprodução de um vídeo<sup>1</sup>, em que a poeta Francisca Araújo, do município de Iguaraci, declama “O que é a Poesia”. Outros autores escolhidos para esta Roda foram Vinícius Gregório, Andrade Lima e, por excelência, Dedé Monteiro.

Na discussão das leituras, com as perguntas motivadoras das monitoras-mediadoras e as falas do poeta Cícero Ângelo, foi possível abordar não somente os temas e as especificidades formais de cada poema, questões de autoria e diálogo entre poetas nas tradições da poesia popular, mas suas propostas estéticas e formas de registro – tanto para o processo da composição escrita quanto para a declamação. A potência da declamação da poesia popular do Cícero Ângelo durante a Roda de Pernambuco também facilitou a experiência da oralidade e da sonoridade do texto poético – um aspecto comentado pelo próprio poeta a partir de questionamentos das pessoas na Roda. Nos comentários de resposta ao formulário, ecoaram comentários como “Contextos muito atuais e característicos abordados nos poemas mencionados. Foi maravilhoso!” e “A cultura Pernambucana é muito rica, de modo particular a poesia popular, pois ela está bem próxima de nossa realidade, por isso deve ser estudada e divulgada.”.

A veia forte da literatura popular se estenderia também para a Roda da Paraíba, mediada pela professora doutora da UFRPE-UAST e poeta paraibana Maria do Socorro Almeida. A professora de literatura montou seu percurso pautado, por um lado, em poetas da literatura popular do estado, com menção a Jessier Quirino por sua notoriedade, e, por outro, em autoras femininas a exemplo de Dôra Limeira e Janaína Azevedo. A segunda Roda começou com uma rápida surpresa para a convidada, com as monitoras apresentando um poema da própria Socorro Almeida. Ao iniciar sua fala condutora, a professora define o tom da conversa propondo uma reflexão ampla sobre o encantamento que a literatura e a poesia suscitam, salientando a universalidade e a potência dessa arte.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cq8wrmPd\\_ks](https://www.youtube.com/watch?v=cq8wrmPd_ks)

Do sofrimento do sertanejo na poesia de Leandro Gomes de Barros, a professora fez ouvir a voz da mulher na literatura na Roda da Paraíba, com a leitura também dos textos de Dôra Limeira, cuja prosa vem provocar inquietações sobre a sexualidade da mulher, sobre a marginalização de suas vivências e silenciamento de sua voz. Em um percurso orgânico, mesclando tempos e estilos, a mediadora também abriu espaço para os diálogos intertextuais na sua curadoria, com a retomada de outras obras do cânone da literatura brasileira e nordestina – a exemplo da Canção do Exílio de Gonçalves Dias, em seu próprio poema “Puxinanã outra canção do exílio”; ou do poema Quadrilha de Drummond de Andrade e do texto Os três mal amados de João Cabral de Melo Neto com o conto As Mulheres da Quadrilha de Janaína Azevedo. A abordagem pungente da vivência de mulheres estimulou comentários como “Sempre bom ver que podemos trazer através da poesia histórias, recordações, boas lembranças, incertezas, lições, reflexões de vida.” e “a roda de leituras possibilitou o acesso a autores e produções literárias significativas no universo da literatura paraibana.”.

Olhando de modo mais atento para as questões de letramento literário e leitura compartilhada, vale salientar que nessas duas primeiras rodas as relações entre texto e contexto foi realizada de modo quase natural, sendo a maioria das pessoas participantes oriundas do sertão e também mulher. Outra dinâmica interessante para a condução das rodas foi a exploração das palavras empregadas nos textos lidos, podemos citar, em particular, as discussões sobre o “galo de campina” na Roda de Pernambuco e a palavra “Puxinanã” na Roda da Paraíba. Para entender os sentidos que um texto propõe construir com quem lê é preciso conhecer as diferentes relações propostas pelas palavras, de modo que as monitoras estavam sempre alerta, fornecendo no chat da plataforma, as definições dicionarizadas a partir das quais as pessoas na Roda poderiam fazer as suas construções de sentido localizadas nos textos lidos.

Para a Roda de Literatura Cearense, inicialmente foi planejada a leitura de uma escritora nordestina que, apesar de consagrada e com obras adaptadas inclusive para televisão, continua pouco lida nas escolas: Rachel de Queiroz. Ao analisarem as crônicas sugeridas, as monitoras conseguiram estabelecer um diálogo temático entre Rachel de Queiroz e as poesias de Bráulio Bessa, outro poeta cearense contemporâneo de renome. A leitura de uma das crônicas de Rachel de Queiroz levou várias participantes a dialogarem sobre como enxergar o envelhecimento e como as mulheres são julgadas ou esquecidas com o passar dos anos, em uma sororidade velada pelo esclarecimento propiciado pelo literário. O tom da Roda, em contrapartida, não permaneceu melancólico, pois a poesia de Bessa é otimista e leva a um discurso de renovar e recomeçar bem recebido e discutido.

Com a contribuição dos participantes da Roda anterior, incluiu-se no roteiro a leitura de Patativa do Assaré, grande nome da literatura popular do Nordeste, e Jarid Arraes – mulher negra e cordelista. Assim, quando de sua realização, o percurso das leituras da Roda Cearense tornou-se obra coletiva tanto na organização quanto na execução. De fato, participantes observaram que “Tudo é um aprendizado, cada idade nova é necessária para evoluirmos independente de quando

iremos realizar nossos desejos e vontades. Foi ótimo! Tudo muito construtivo e reflexivo!”.

Em seguida, na Roda de Alagoas, convidamos a professora Valquíria Moura, então vinculada à UFRPE-UAST, alagoana e cuja vivência na teoria da literatura e conhecimento dos textos poéticos de seu estado muito acrescentaram ao planejamento e execução da Roda. Sem abdicar da relevância de Graciliano Ramos para a literatura do estado, a professora nos conduziu, primeiro, por poesias de populares que em diálogo com outras produções do cânone reconstruíram a memória literária de Alagoas. Todavia, as leituras de Alagoas que mais movimentaram as discussões foram as obras das poetisas mulheres como Anilda Leão e Ariete Vilela, e dois autores canônicos (Jorge de Lima e Lêdo Ivo), escolhidos para pontuar no mapa da história da literatura ainda tão presente na escola sua nordestinidade. Na condução das leituras, ouvindo o que as pessoas expunham e como teciam diferentes relações com os poemas selecionados, foi importante salientar, no momento síntese da Roda, o diálogo entre universal e local construído pela poesia.

O movimento próprio da Roda foi percebido por participantes, que disseram “Achei bem diferente das outras leituras das semanas anteriores e amei conhecer as leituras de Alagoas.” e “Foram poemas, sonetos lidos e analisados que trazem reflexões acerca de mudanças que muitas vezes procuramos em nós mesmos.”.

A Roda seguinte, sem convidados para a condução, foi movimentada pelas monitoras e pela poesia popular de João Sapateiro. Embora não tenhamos lido seus textos por serem demasiados extensos, recorremos aos recursos digitais para reproduzirmos um vídeo<sup>2</sup> em que falava de sua época e dos costumes de sua cidade do interior. Na sequência, selecionamos poetisas e escritores/as que marcaram a crítica social do estado, como Mário Jorge e Núbia Nascimento Marques, bem como aqueles que consolidaram a vida cultural e intelectual do estado após os anos 1980, como Ilma Fontes e Amaral Cavalcante.

Afastando-nos dos estados mais próximos ao sertão do Pajeú, consideramos importante apresentar, a medida que líamos os poemas, a biografia de seus/suas autores/as, situando a obra em um contexto histórico, mas também marcando esses nomes na memória leitora de quem estava presente na Roda. Vale salientar que nas conversas iniciais da Roda houve comentários sobre o desconhecimento geral sobre o estado e sobre sua literatura, dessa forma, nas respostas, há o reconhecimento da contribuição “Uma riqueza de poesia que nasce do simples e é capaz de descrever as belezas de Sergipe.”.

Na Roda de Leituras da Bahia, por sua proximidade com a literatura do estado, convidamos o professor Kleyton Pereira da UFRPE-UAST, o qual, por sua vez, convidou a professora de literatura e poeta premiada Livia Natália para honrar o nosso projeto. Com a presença e a leitura dos poemas dessa poeta, mulher, negra e do candomblé, a Roda de Leituras da Bahia fugiu inteiramente ao cânone de escritores do estado, representado mais expressivamente nas obras de Castro Alves, Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro como divulgado por meio

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wEdL7xatI4>

da cartilha disponibilizadas na Sala de Aula. Se, no começo, as sinas das mulheres (negras) são abordadas em uma discussão sobre o sangue e os ciclos, ao final da Roda, foi a sexualidade e a sedução da mulher por si mesma quem suscitou debates e reações calorosas. No meio tempo, as vozes e as discussões que Lívia Natália trouxe para a Roda da Bahia tocaram em assuntos fundamentais para a compreensão da realidade racista do Brasil, os quais pela mediação digital do professor Kleyton, resgataram a poesia de Castro Alves e o Navio Negreiro em articulações históricas e literárias. Essa atuação ecoou nas avaliações da Roda: “Muito pertinente mostrar a nossa "sina" ou as nossas "sinas" através desses poemas, vídeo...”

Em seguida, na Roda de Leituras do Rio Grande do Norte, as monitoras optaram por se concentrarem na leitura de poemas da poeta indígena Graça Graúna e fizeram convite à professora e poeta Paula Santana (UFRPE-UAST), amiga da poeta Graça Graúna e estudiosa das culturas e epistemologias do sul global para condução da Roda. Com a descoberta do poeta popular Antonio Francisco, o trajeto de leituras foi definido para começar na poesia popular de protesto contra crimes ambientais, escancarando a fome do ser humano (por meio da exibição de vídeos em que declama o próprio Antonio Francisco, ainda bastante ativo poeticamente) até chegar às profundas e ramificadas reflexões sobre os processos colonizadores da América do Sul.

Em uma fala que mistura pessoa, professora e poeta, Paula Santana leu e falou de poesia, mas também de história e de contradiscursos, salientando dos versos suas vozes de resistência poética e ameríndia na escrita de Graça Graúna. Como resposta, as pessoas da Roda, muitas já discentes de Paula Santana e integrantes de seus grupos de atividade na universidade, pontuaram como a professora foi capaz de apresentar “Um resgate bem explícito e discutido de muita resistência e resiliência!”, o que leva “A gente encontra a si mesmo ali e reconhece muito mais do que somos enquanto brasileiros, mas ainda não sabemos.”.

Tínhamos expectativa de que um professor do estado pudesse nos acompanhar na Rodas do Maranhão, porém o mesmo não ocorreu, em contrapartida, uma estudante egressa da universidade, residente do Maranhão, estava presente nessa roda e muito contribuiu com o debate a partir do que monitoras e professora coordenadora organizaram. Foi possível, então, debater o silêncio cultural apontado na crônica do escritor José Neres que impede a visibilidade de produções artísticas locais e tem por base o consumo das mídias de massa. A sensação de desvalorização do local em função de produtos prontos e acabados de conglomerados foi bastante comentada também em virtude da própria experiência das pessoas presentes em suas localidades. A curadoria de textos trouxe também poemas de Aurora da Graça que permitem aproximar da geografia e das cores locais da capital e, com a mediação da estudante egressa, redimensionar a compreensão da arquitetura e o que ela pode evocar a partir da sensação de pertencimento e de lar. Não poderíamos abrir mão nesta roda de ler Maria Firmina dos Reis, que permanece expoente da leitura de autoria feminina negra no Estado e no Brasil. Escolhemos poemas mais curtos de sua vasta produção e com elas discutimos a lírica dos amores e da superação das frustrações amorosas.

Ao final, apesar de canônico, por sua localização e origem nordestina sempre invisibilizada, trouxemos um poema neoconcreto de Ferreira Gullar. As explorações poéticas da curadoria realizada podem ser conferidas nas avaliações positivas: “foram evidenciados e revistados autores além do cânone literário, que até então não os conhecia.” e “QUERO MAIS.”. Vale salientar que nesta e na próxima Roda, tivemos o menor número de público participante.

Por fim, na Roda do Piauí, buscamos resgatar o que havia sido apagado do conhecimento comum sobre a literatura do estado (tal como o poeta e compositor da Tropicália Torquato Neto). Para isso, contamos com a presença do poeta e coordenador do Projeto Geleia Total, Noé Filho, que não somente discorreu sobre seu fazer literário como também explicou a proposta de revitalização e visibilização do Projeto Geleia Total. A fala de Noé fala não somente da importância de que pessoas conheçam a literatura do próprio estado, mas a conheçam em diversidade e diálogo com outras artes e artistas de identidades diversas. Com número já reduzido de participantes, a Roda ainda produziu comentários como “Enriquecedor, como sempre! Viva o nordeste e a diversidade cultural!”.

No que diz respeito à participação e interação das Rodas, precisamos estar cientes que a participação em reuniões on-line é dotada de suas particularidades, tais como câmeras e microfones fechados de forma predominante e turnos de fala bem delimitados com as contribuições paralelas ocorrendo por escrito no chat. Apesar disso, obtivemos a média de 16 pessoas participantes (além de monitoras e convidadas) e, tanto em função das ideias postas pelas próprias leituras, quanto pelas perguntas motivadoras das monitoras do projeto, durante todas as Rodas se pode construir o debate sobre os textos lidos. Em particular, podemos citar as particularidades e riquezas sobre a vivência no Sertão na Roda Pernambucana em que os próprios participantes declamaram seus poemas, o debate sobre o que significa envelhecer e como a velhice afeta de modo diferenciado a população e a indústria durante Roda de Leitura Cearense, as matrizes coloniais da cultura brasileira e as riquezas escondidas no repertório linguístico e poético o incômodo silêncio que perpassa a produção cultural local em detrimento de uma cultura de massa na Roda Maranhense.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora a prática da leitura esteja aumentando entre a população jovem brasileira, ainda é preciso reconhecer que o consumo da literatura frequentemente se volta para os grandes índices de vendas, geralmente com títulos internacionais ou autores promovidos pelo mercado editorial não-nordestino. Outrossim, como consequência de fatores que são tanto históricos, quanto econômicos, culturais e políticos, os autores da história da literatura nordestina são invisibilizados em sua origem, canonizados em um panteão higiênico de propostas literárias. Nesse caso, usamos masculino plural para apontar inclusive o apagamento das vozes de mulheres que já pertencem a essa história.

De modo similar, a própria riqueza das literaturas populares são ocultadas e poucos são os nomes e textos de poetas (homens ou mulheres) possíveis de serem resgatados até mesmo em meios digitais. De fato, repertórios inteiros de cordelistas precisam ainda ser digitalizados e tanto as plataformas de secretarias de cultura, academias de letras quanto os repositórios de pesquisas precisam visibilizar as diversas obras e autorias de suas localidades.

Construir um projeto de extensão pautado em leitura e literatura atende a várias demandas sociais e educacionais coincidindo com os propósitos formativos dos museus. O vínculo do projeto a uma instituição que promove culturas e saberes poderia, certamente, auxiliar a divulgação e o engajamento da proposta. Vale salientar que, talvez por falha da divulgação ou por má comunicação entre as instituições promotoras das Rodas de Leituras, não foi observada a participação de pessoas do Museu ou da Fundação Cultural Cabras de Lampião e poucos participantes externos às instituições de nível superior envolvidas – mostrando que uma proposta aberta para a sociedade encontra obstáculos na falta de incentivo à prática de leitura das pessoas cotidianamente. O fato que o público das Rodas diminuiu principalmente nos estados do Maranhão e do Piauí também foi sugestivo de uma rota de leituras alternativas que aproximem, talvez, de modo intercalado, os estados menos conhecidos nas tradições/práticas de leituras literárias do público pernambucano.

## REFERÊNCIAS

BIENAL DE PERNAMBUCO. **Autores do Nordeste.** s/d. Disponível em: <http://www.bienalpernambuco.com/autores-do-nordestes/> Acesso em 20. Fev. 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.696, de 12 de julho de 2018.** Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. DF, Brasília, 2018. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm) Acesso em 15 de jul. 2021

COSSON, Rildo. **O letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Leitura Compartilhada: Uma Prática De Letramento Literário.** Interdisciplinar, v. 33, p. 13-29, jan-jun, 2020. Disponível em: Acesso em:

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado.** São Paulo: Editora Horizonte, 2012. 208 p.



FLORENCIO, Roberto; SANTOS, Carlos Alberto. A Mulher Da/Na Literatura Popular Nordeste: Notas Sobre A Misoginia na Literatura Brasileira. **Revista Athena**, vol. 19, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/5242> acesso em: 31 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2019-2020**. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em 15 de jul. 2021

MARZIALE, Nicole Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. Perspectivas de mudança? **O Público e o Privado**, n. 38, p. 24-53, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119> Acesso 14 de jul. 2021

**Plano Nacional de Extensão Universitária**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. Brasileiras e SESu / MEC. Brasil, 2000/2001.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PORTO, Ana Paula Teixeira; SILVA, Denise Almeida; RETTENMAIER, Miguel. Formação de leitores no Brasil: um processo de vários nós. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 30, p. 1-338, dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2105/2036> Acesso 15 jul. 2021.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: Percepções do universo feminino na literatura de cordel**. Dissertação. 2006. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6WEK7J/1/disserta\\_\\_o.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6WEK7J/1/disserta__o.pdf) Acesso em 31 ago. 2021

SANTANA, Livia. Quem são os escritores do nordeste? Estados literários. **Check-in Virtual**. 2018. Disponível em: <http://www.checkinvirtual.com.br/2018/08/escritores-do-nordeste-estados-literarios.html> Acesso 20 fev. 2021

SANTOS, Paula Assunção dos. A Mesa de Santiago para pensar o futuro. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (Orgs). **Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972. Brasília: IBRAM, 2012, p. 9-10.

SANTOS, Vanusa. “Estratégias de (in)visibilidade feminina no universo do Cordel”. **ANAIS DO V ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**. Salvador. 2009, p. 1-16. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19335.pdf> Acesso em 31 ago. 2021

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. 8ª ed. Coimbra, 1988

SILVA, Celso. **A literatura popular: silêncios e murmúrios na história da literatura brasileira**. Letrônica, vol. 2, n.2, p. 233-248, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5534> Acesso em 20 jul. 2021.

UFRPE. **Fórum de Extensão**. Vol. 2. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/F%C3%93RUM%20DE%20EXTENS%C3%83Ov2.pdf> Acesso em: 20 jul. 2021